

## EIXO TEMÁTICO 6 | EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

### ENTRE LAÇOS E ESPAÇOS: FOMENTANDO A SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY E GONZÁLEZ REY

#### BETWEEN TIES AND SPACES: FOSTERING MENTAL HEALTH IN THE UNIVERSITY ENVIRONMENT FROM THE PERSPECTIVE OF VYGOTSKY AND GONZÁLEZ REY

Ana Cristine Mendes da Silva<sup>1</sup>  
Fabiana Pinto de Almeida Bizarria<sup>2</sup>  
Leonardo Victor de Sá Pinheiro<sup>3</sup>

#### RESUMO

A pesquisa tem como objetivo elaborar um ensaio teórico sobre a saúde mental de universitários. No processo de promoção da saúde, destacam-se espaços facilitadores para vivências e interações que fortaleçam vínculos, senso de pertencimento e protagonismo, enriquecendo as experiências no ambiente universitário e reforçando o papel da linguagem e das emoções no contexto social da psique. Para isso, foram analisados 28 artigos sobre vivência acadêmica, vínculo acadêmico e experiência acadêmica, incorporando contribuições de Vygotsky e González Rey. Conclui-se que espaços facilitadores promovem, de forma afetiva, significados e sentidos que contribuem para a saúde. Portanto, a dinâmica institucional poderia concentrar esforços em oferecer oportunidades para experiências que promovam vivências afetivas, interações, validação e aceitação das diversas formas de ser e agir dos universitários, resultando em um ambiente universitário inclusivo.

**Palavras-chave:** multidimensional, adoecimento, transtorno mental, tecnologia, simbólico.

#### ABSTRACT

The research aims to develop a theoretical essay on the mental health of university students. In the process of promoting health, facilitative

<sup>1</sup>Graduanda em Administração. Universidade Federal do Piauí- UFPI. cristinemendes@ufpi.edu.br

<sup>2</sup> Doutorado em Administração. Professora Colaboradora do Programa de Pós-graduação e Gestão Pública- UFPI. fabiana.almeida@ufpi.edu.br

<sup>3</sup>Doutorado em Psicologia. Professor Permanente do Mestrado Profissional em Administração Pública (PROFIAP/UFPI). leonardopinheiro@hotmail.com

spaces for experiences and interactions that strengthen bonds, sense of belonging, and protagonism are highlighted, enriching experiences in the university environment and reinforcing the role of language and emotions in the social context of the psyche. To achieve this, 28 articles on academic experience, academic attachment, and academic background were analyzed, incorporating contributions from Vygotsky and González Rey. It is concluded that facilitative spaces promote, in an affective manner, meanings and senses that contribute to health. Therefore, institutional dynamics could focus efforts on providing opportunities for experiences that promote affective experiences, interactions, validation, and acceptance of the various ways of being and acting of university students, resulting in an inclusive university environment.

**Keywords:** multidimensional, sickness, mental disorder, technology, symbolic.

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de um país está associado à melhoria do ensino e sua contribuição à formação profissional, face às demandas sociais, incluindo repercussões do avanço tecnológico no tecido social, que avança às concepções de ensino-aprendizagem (Cechinel; Santos, 2020; Haugsbakk, 2020); e, as demandas do mundo do trabalho, relacionadas à comunicação, ao trabalho em equipe, à liderança, ao pensamento criativo e reflexivo, as conhecidas *'soft skills'* (Lok; Cheng; Choong, 2020).

As mudanças e o aumento da população universitária, em decorrência de políticas públicas voltadas ao acesso à formação superior (Suehiro; Andrade, 2018) ampliam a diversidade da comunidade universitária (classe social, gênero, idade), os objetivos e as expectativas em relação à trajetória acadêmica (Malequeta; Santos; Pery, 2017). No Brasil e em universidades internacionais, o insucesso e a evasão no ensino superior são temas de pesquisa, indicando altas taxas de abandono nos primeiros semestres (Cruz-Campos *et al.*, 2023). Nesse contexto, é fundamental o estudo sobre a saúde universitária, haja vista a “alta prevalência de sintomas de ansiedade e depressão nessa população, quando comparada a população geral” (Silva *et al.*, 2023, p. 104).

Dados da OMS (2022) indicam que 14% dos adolescentes globais sofrem de transtornos mentais. Pesquisa do *Healthy Minds Network* nos EUA entre 2022 e 2023 com 76.406 acadêmicos mostrou que 41% têm depressão, 36% ansiedade, e 14% pensaram em suicídio no último ano, com aumento da ansiedade de 17% para 31% em seis anos. Estudos em outros países sugerem que até 73% dos estudantes enfrentam desafios no bem-estar. No Brasil, a

Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Instituições de Federais de Ensino Superior (IFES), por exemplo, revela que 83,5% dos graduandos têm dificuldades emocionais, com 60% lutando contra ansiedade e ideação suicida aumentando de 6,1% para 8,5%. O estudo de Brito *et al.* (2021) destaca a autoagressão e o suicídio como a terceira causa de morte entre adolescentes.

Associado aos dados, observa-se que o público universitário vivencia transições desafiadoras, que mobilizam mudanças e adaptações importantes, relacionadas ao sofrimento e a evasão (Malequeta; Santos; Pery, 2017). Abordagens biomédicas tradicionais muitas vezes simplificam as experiências de saúde mental universitária, ignorando sua complexidade (Lima *et al.*, 2023). Além disso, os laços familiares e sociais frágeis, desafios pessoais e a necessidade de equilibrar estudo e trabalho podem causar esgotamento e prejudicar a aprendizagem de jovens universitários (Lima *et al.*, 2023).

As Instituições de Ensino Superior (IES), nesse caminho, considerando a premissa da Responsabilidade Social Universitária (Chen; Nasongkhla; Donaldson, 2015), é convocada a responder às problemáticas levantadas. Estudos de Ariño e Bardagi (2018); Silva *et al.* (2023), por exemplo, sugerem que intervenções associadas à capacidade de gestão da vida acadêmica, como a organização dos estudos, do lazer, das interações interpessoais, são essenciais à vivência acadêmica saudável; e, ainda, ações relacionadas ao acolhimento social e emocional, ações voltadas ao autoconhecimento, autoestima, manejo de estresse, bem-estar psicológico, também contribuem com a produção de saúde desse público. Assim IESs devem adaptar-se às novas demandas emocionais durante as transições acadêmicas.

Sendo assim, esta pesquisa busca abordar a saúde mental de universitários através de um ensaio teórico. Destaca-se a importância de espaços que promovam vínculos, pertencimento e protagonismo, fortalecendo a função da linguagem e das emoções no contexto social da psique. Tal contribuição vai ao encontro da mudança de perspectiva da saúde mental que, da ênfase no processo de adoecimento, centra-se na produção de saúde, como sugerem (Bandura, 2005; Rodrigues *et al.*, 2023; Ariño; Bardagi, 2018; Chariyeva *et al.*, 2013).

Para afirmar que 'espaços habilitadores' contribuem com a saúde mental de universitários, somam-se à discussão as contribuições de Lev Semenovich Vygotsky e Fernando Luis Gonzalez Rey. Com esses autores, compreende-se que criar espaços propícios aos encontros simbólicos avigora a função da linguagem e das emoções, no que se refere ao 'contexto social da psique', assumindo a 'vivência' como unidade de situação social de

desenvolvimento, quando emoções, significados e sentidos se entrelaçam na constituição da subjetividade. Assim, a vivência é compreendida como a relação afetiva do indivíduo com seu meio social, representando uma fusão indissociável das interações intersubjetivas que se manifestam nos aspectos cognitivos e afetivos (González Rey, 2000).

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A análise integrativa da saúde mental de universitários oferece uma abordagem alternativa, enriquecendo as propostas de saúde na universidade. Na perspectiva do objetivo do estudo, acolhe-se à definição metodológica 'Ensaio Teórico', considerando análise com base na argumentação em relação ao tema 'espaços habilitadores', assumindo a condição de ensaísta, com apoio em revisão da literatura na condução crítica da escrita pensante, reconhecendo o ensaio como um pensamento em processo, reflexivo, amador e experimental (Larrosa, 2004).

Adorno (2003) afirma que o ensaio, envolve abordagem não centrada em regras da ciência, ao passo que seu objetivo envolve debruçar-se sobre escritos de pesquisadores com criticidade e argumentação legível em torno de uma temática em discussão. A partir da leitura de Adorno (2003), Botton (2011, p. 95) afirma que "fica implícita a filiação do ensaio entre as formas do pensamento conceitual, mas também sua ruptura. Esta ruptura ocorre na medida em que o ensaio mantém aquilo que tanto a ciência quanto o dogma pretendem banir do pensamento: a irreduzibilidade entre conceito e objeto". Além disso, Botton (2011, p. 96) entende que o ensaio pressupõe a "experiência enquanto processo inseparável da própria compreensão.

Exemplos de estudos que assumem metodologicamente a dinâmica ensaística no campo da saúde, como Moreira (2019); Roso e Romanini (2014), buscam a construção de um argumento por meio do ensaio, bem como a ideia de mapeamento, de natureza exploratória, para que as reflexões e condução da escrita reflitam em aproximações ao tema. Nesse caminho, para o diálogo, realizou-se levantamento de estudos sobre o tema 'saúde mental de universitários', conduzido em 28 de novembro de 2023, por meio de pesquisa junto à Plataforma Periódico Capes, ampliada à totalidade de suas bases de dados, e acesso institucional vinculado a um Programa de Pós-Graduação. Para a seleção, definiram-se concepções identificadas no contexto do tema de análise - vínculos, vivência, satisfação com a

experiência acadêmica. A autoeficácia emerge dos estudos como concepção transversal às discussões, suscitando leituras adicionais.

Com o uso do descritor 'vínculo acadêmico', incluindo todas as categorias de documentos, períodos e idiomas disponíveis na plataforma, restringindo a seleção ao período de 2018 a 2023, artigos revisados por pares, resultou em 12 textos, dos quais 2 foram excluídos por duplicidade, restando 10 estudos. Em relação à 'vivência acadêmica', com os mesmos critérios, resultou 13 artigos, com 2 exclusões devido à duplicidade, totalizando 11 estudos selecionados. Por último, a combinação dos termos 'experiência acadêmica' e 'satisfação', com operador booleano 'and', seguindo os mesmos critérios, resultou em 18 artigos, sendo 11 descartados por duplicidade, restando 7 estudos para leitura. Considerando que os temas em análise possuem, conforme argumentação do ensaio, aproximações em relação ao tema 'saúde mental de universitários, o cruzamento do conjunto de textos resultou na leitura de 28 artigos<sup>4</sup>.

O fluxo da escrita reúne concepções discutidas nos textos visando apresentação legível, em uma configuração compreensível, com inspiração nas orientações de Botton (2011), sobre ensaio teórico e Torracco (2016) em relação à revisão integrativa. Para o estudo, primeiro parte-se da visão geral-integrativa dos textos, somando-se, na sequência, as contribuições de Vygotsky e González Rey, e, por fim, as sugestões de contribuições práticas.

### **3 VÍNCULOS, VIVÊNCIA, E SATISFAÇÃO COM A EXPERIÊNCIA ACADÊMICA – VISÃO INTEGRATIVA**

Para início da integração dos textos, parte-se da mudança de ênfase da doença à saúde, como sugerem Bandura (2005); Gueroni *et al.*, (2024); Rodrigues *et al.*, (2023); Lima *et al.*, (2023), no caminho de contribuir com enfoques menos fragmentados, individualizantes e patologizantes, desarticulados institucionalmente. A vivência acadêmica, nesse contexto, emerge como fundamental e central aos vínculos e à satisfação com as experiências. O

---

<sup>4</sup> Os estudos selecionados são: Santos, Zanon e Ilha (2019), Pereira-Neto, Faria e Almeida (2022), Albuquerque *et al.* (2019), Campira, Bulaque e Almeida (2021), Aragão, Alfinito e Correia (2018), Oliveira, *et al.*, (2020), Suehiro e Andrade (2018), Alonso, Alonso e Fernández (2020), Campesino (2023), Valdivia (2019), Guanin-Fajardo e Barranquero (2022), Taschetto e Rosa (2019), Trejo *et al.*, (2019), Fleisner *et al.*, (2023), Roque *et al.*, (2018), Mérida-López, Quintana-Orts e Extremera (2022), Peris Blat (2019), Garcia e Pan (2023), Rodrigues *et al.* (2023), Nascimento e Ferraz (2021), Cechinel e Santos (2020), Medeiros e Gonçalves (2018), Santos, Schneider, Freitag e Colomé (2018), Siqueira *et al.*, (2020), Arakawa-Belaunde *et al.*, (2018), Fadel *et al.* (2018), Guzmán-Utreras, Baeza-Ugarte e Morales-Navarro (2023), Nina e Oliveira (2019).

detalhamento de Garcia e Pan (2023), informa que a definição ‘interpessoais’, associada à autopercepção de competência para estabelecer e manter relações sociais, mobilizam o aluno a buscar ajuda. Assim, as experiências dos estudantes universitários influenciam sua satisfação e autoconfiança.

Santos, Zanon e Ilha (2019, p. 4) discorrem, como desdobramento da autoeficácia, conceito baseado na teoria sociocognitiva de Bandura (2005), que “ser solidário e cooperativo com colegas, ter amigos para compartilhar dificuldades, pedir material emprestado, estudar e apresentar trabalhos em grupo podem ser comportamentos essenciais para o desenvolvimento da satisfação acadêmica”. Por sua vez, desenvolver e manter interações sociais, segundo Santos, Zanon e Ilha (2019), são as crenças de autoeficácia que mais contribuem para a satisfação com as experiências acadêmicas. Para Chariye-va *et al.* (2013), autoeficácia representa um fator de proteção, que contribui para a saúde e o bem-estar dos estudantes, enfatizando sua relevância na realização de metas pessoais e acadêmicas.

Relações entre pares, interação com os estudantes e colaboração fortalecem bem-estar, e promove um ambiente acolhedor (Dogan, 2015; Valdivia, 2019). Mesmo que a construção do vínculo comece a ser formado antes mesmo da entrada na universidade (Alonso; Alonso; Fernández, 2020), estudos sobre os vínculos acadêmicos, como os de Alves e Honório (2013); Kramer e Faria (2007); Ariño e Bardagi (2018), reforçam que o estabelecimento de vínculos estaria influenciado na capacidade de socialização dos alunos, em forma de rede de apoio, contribuindo com a resolução dos desafios acadêmicos.

Práticas sociais institucionais centradas na relevância das interações sociais à saúde mental universitária, podem ser derivadas de estudos sobre ‘vivências acadêmicas’, como (Almeida; Ferreira, 1997; Almeida; Ferreira; Soares, 1999; Almeida; Soares; Ferreira, 2003; Granado *et al.*, 2005). É vital cuidar da saúde mental e física dos universitários, fomentando equilíbrio emocional, relações cooperativas e apoio acadêmico para alcançar objetivos profissionais.

No que diz respeito ao compromisso das IESs com o tema, Oliveira *et al.*, (2020, p. 10) reconhecem que as universidades “necessitam desenvolver ações que permitam maior sentimento de pertencimento do acadêmico em relação às suas escolhas, visando alcançar maiores níveis de satisfação”. A satisfação do estudante no ensino superior está ligada à reputação e credibilidade da instituição, afetando sua confiança nos aspectos estruturais e pedagógicos. Isso ressalta a necessidade de apoio prático, acadêmico e pessoal para uma

conexão eficaz entre aluno e instituição (Santos; Romeiro, 2017; Zevallos; Washbur, 2014).

Desse modo, Cechinel e Santos, (2020), sugerem ser a ‘interação social’ o aspecto mais relevante das vivências acadêmica. O acolhimento como vivência acadêmica, também em dinâmica de interação social e institucional, é abordado por Garcia e Pan (2023, p. 6), ao afirmar que “vivência acadêmica deve ser analisada em sua relação com a qualidade das práticas formativas e das políticas de assistência e acolhimento estudantil”. Cechinel e Santos (2020) ainda levantam atenção à dimensão ‘tempo’, quando universitários buscam maximizar e acelerar as atividades inerentes à graduação.

#### **4 VIVÊNCIA, AFETOS E ESPAÇOS HABILITADORES ÀS INTERAÇÕES SOCIAIS: CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY E GONZÁLEZ REY**

Associada à discussão sobre o aumento do adoecimento por motivos de saúde mental do público universitário, conforme dados da OMS (2022) e da Andifes (2019), discute-se que a qualidade das interações representa fator primordial à saúde mental. Para entendimento do que representa ‘qualidade’, contribuições de Vygotsky e González Rey são acionadas, no entendimento de que ‘vivência’ representa unidade de situação social de desenvolvimento, quando emoções, significados e sentidos entrelaçam-se na constituição da subjetividade. Nesse contexto, espaços habilitadores são construções psicossociais capazes de mobilizar interações sociais significativas e contribuir para o bem-estar emocional dos estudantes.

Com isso, González Rey (2008), em perspectiva histórico-cultural inspirada em Vygotsky, define o sentido subjetivo como um processo simbólico-emocional que se organiza na experiência social do indivíduo. As emoções e as expressões simbólicas não apenas coexistem, mas estão entrelaçadas, em interações e reinterpretações que situam a experiência cotidiana vivida, como “configurações complexas subjetivas sobre o vívido, que representa produções subjetivas [...] experiência vívida é inseparável da configuração subjetiva de quem vive [...] e caracterizam as relações diferenciadas que ocorrem nos diferentes espaços de vida social do sujeito” (González Rey, 2008, p. 234).

Com inspiração em González Rey (2008), O contexto universitário gera uma complexa teia de significados pessoais e interações sociais que moldam a subjetividade e a saúde mental de forma única. E, assim, considerando análise vygotkyana, o ‘sucesso acadêmico’, pode ser entendido como desdobramentos da qualidade das interações e vínculos estabelecidos no

ambiente universitário, desde o ingresso na universidade (Alonso; Alonso; Fer-nández, 2020). Assim, os vínculos acadêmicos, acionados em espaços habilitadores, podem mobilizar significações relacionadas ao suporte social, resultando em experiências favoráveis ao desenvolvimento emocional e cognitivo.

Nesse caminho, o sentido subjetivo, proposto por González Rey (2008) como unidade simbólico-emocional que emerge na experiência social do indivíduo, oferece, portanto, uma abordagem à saúde mental universitária. Ao passo que “os sentidos subjetivos representam as unidades psicológicas que caracterizam a forma em que foi subjetivada a experiência vivida, experiência não no que ela, objetivamente, significa para um observador externo, mas em toda sua carga emocional e simbólica para aquele que a vive” (Gomes; Gonzalez Rey, 2007, p. 409).

Desta forma, a análise crítica deste intercâmbio teórico e empírico reforça a premissa de que a construção de uma comunidade acadêmica inclusiva e empática é fundamental para o avanço da saúde mental universitária. Para tanto, Machado, Facci e Barroco (2011, p. 650), citam que para Vigotski, sentimentos e emoções são social e historicamente referenciados, emoções e cognição interdependentes no processo psicológico, assumindo haver “a participação ativa da vida emocional na esfera cognitiva do pensamento e no movimento criador, que é a imaginação”.

O reencontro com os estudos sugere que o aspecto ‘institucional’ deve ser prioritário, desde a responsabilidade social universitária até o compromisso social, conforme apresentado por diversos autores como, por exemplo, Pereira-Neto, Faria e Almeida (2022); Albuquerque *et al.*, (2019); Suehiro e Andrade (2018). Além disso, Garcia e Pan (2023); Meng e Zhang, (2023); Dogan (2015); Alonso, Alonso e Fernández (2020); Valdivia (2019); Mérida-López, Extremera e Quintana-Orts (2023) destacam que as instituições de ensino superior precisam repensar práticas, políticas e culturas para lidar com a saúde mental dos estudantes, criando espaços que incentivem interações sociais e desenvolvimento emocional e cognitivo.

Nessa perspectiva, estes espaços não são apenas físicos, mas também sociais e culturais, oferecendo um ambiente onde os estudantes podem se envolver em interações significativas, promovendo a expressão livre de ideias, apoio mútuo entre pares e a formação de uma comunidade acadêmica coesa. Vygotsky (1995) destacou a importância do ambiente social no desenvolvimento cognitivo e emocional, propondo que o aprendizado seja intrinsecamente um fenômeno social, assim como González Rey (2008) enfatizou o papel da subjetividade e dos sentidos subjetivos, construídos nas interações sociais e influenciam profundamente a



experiência individual e coletiva.

Ao promover um senso de comunidade e pertencimento, esses espaços são cruciais para a saúde mental, pois a sensação de isolamento pode ser um fator significativo de estresse e ansiedade entre os universitários. Com isso, a necessidade de pertencimento, destacada por Baumeister e Leary (1995), é crucial para o bem-estar emocional. Aliado a essa concepção, Vygotsky (1989) argumenta que o desenvolvimento humano é influenciado pela participação em atividades culturais e pela internalização das práticas sociais. Então, ambiente que encorajam o estudante como protagonista, engajamento em projetos, pesquisas e iniciativas comunitárias são cruciais para um bem-estar mental robusta.

Portanto, uma análise crítica dos espaços universitários deve considerar estruturas, práticas institucionais e culturas organizacionais, como políticas educacionais, currículos e métodos de ensino. Torna-se, portanto, crucial abordar a subjetividade e as representações sociais sem generalizar a experiência universitária, reconhecendo a diversidade dos indivíduos na comunidade acadêmica.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O movimento ensaísta é uma aproximação, uma reflexão. A discussão envolve resgatar concepções estudadas no campo da saúde mental universitária, oferecendo contribuição em diálogos que emergem em pesquisas sobre o tema, no sentido de visão integradora. Mas, ciente dos desafios dessa aproximação, o ensaio se apresenta também como convite às maneiras alternativas de compreender o fenômeno, para suscitar mudanças, haja vista que “não há saber verdadeiro que não seja essencialmente vinculado com um saber transformador sobre a realidade, mas não há saber transformador da realidade que não envolva uma mudança de relações entre os seres humanos” (Martín-Baró, 1997, p. 27) <sup>5</sup>.

As experiências acadêmicas moldam a autoconfiança e o bem-estar mental, ressaltando a importância de considerar o currículo compartilhado e as interpretações individuais dos alunos. Diante disso, a promoção da saúde mental aborda várias dimensões que contribuem para o crescimento pessoal e coletivo.

---

<sup>5</sup> Não se busca na referência à Martín-Baró circunscrever a saúde mental à psicologia. Reconhecendo-a na produção cotidiana de saúde e sua multidimensionalidade, assume-se a promoção de saúde pela dimensão social interdisciplinar e interprofissional, onde o saber-fazer-atuar da psicologia se organiza com outros conhecimentos, em agendas sistemáticas e intersectorializadas.

A discussão proposta neste ensaio teórico, ancorada nas contribuições de Vygotsky e González Rey, apresenta uma série de reflexões promissoras. No entanto, como qualquer investigação teórica, enfrenta limitações inerentes que delineiam caminhos para futuras pesquisas como, por exemplo, a complexidade da subjetividade e a não consideração de releitura de outras obras de Vygotsky e González Rey.

Para estudos futuros sugere-se compreender a dinâmica dos 'espaços habilitadores' na universidade, além de desenvolver intervenções para promover nesses espaços a saúde mental dos estudantes. Pesquisas futuras também podem abordar problemas das relações virtualizadas e a influência de categorias sociais como gênero e raça, ampliando a compreensão e incentivando estudos adicionais.

### REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003.

ALMEIDA, S. L.; FERREIRA, J. A. **Questionário de Vivência Acadêmica**. Braga: Universidade do Minho, 1997.

ALMEIDA, Leandro S. et al. Questionário de vivências acadêmicas (Q.V.A. e Q.V.A.-R). In: GONÇALVES, M. M. et al. (Coords.). **Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa**. Vol. 1. Coimbra: Quarteto Editora, 2003. p. 113-130.

ALONSO, Juan A. V. et al. El éxito académico en el primer año de la carrera de ingeniería industrial y su vínculo con factores académicos previos. **Páginas de Educación**, v. 13, n. 1, p. 42-57, 2020.

ALVES, José D.; HONÓRIO, Luciana C. Vínculos entre alunos e uma instituição de ensino superior: Desenvolvimento e proposição de uma escala de medida. **GESTÃO.Org**, v. 11, n. 2, p. 391-427, 2013.

ANDIFES. V **Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2019**. 2019.

BANDURA, A. The Primacy of Self-Regulation in Health Promotion. **Applied Psychology: An International Review**, v.54, n.2,p . 245–254, 2005.

BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. **Psychological Bulletin**, v. 117, n. 3, p. 497–529, 1995.

BOTTON, A. M. Notas sobre o ensaio em Theodor W. Adorno. **Graphos**, v. 13, n. 1, Jun. 2011.

BRITO, F. A. M. de et al. Violência autoprovocada em adolescentes no Brasil, segundo os meios utilizados. **Cogit. Enferm.**, 2021.

CECHINEL, E.; SANTOS, A. R. Experiências memoráveis na vivência acadêmica em cursos de administração: um estudo à luz das "experiências em serviços". **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, p. 137-156, 2020.

CHEN, S.-H.; NASONGKHLA, J.; DONALDSON, J. A. University Social Responsibility (USR): Identifying an Ethical Foundation within Higher Education Institutions. **TOJET the Turkish Online Journal of Educational Technology**, v. 14, n. 4, p. 165, 2015.

CRUZ-CAMPOS, J. C. D et al. Causes of academic dropout in higher education in Andalusia and proposals for its prevention at university: A systematic review. **Frontiers in Education**, v. 8, p. 01-13, 2023.

DOGAN, U. Envolvimento dos alunos, autoeficácia acadêmica e motivação acadêmica como preditores de desempenho acadêmico. **O Antropólogo**, v. 20, n. 3, p. 553-561, 2015.

GARCIA, W. P.; PAN, M. A. G. de S. VIVÊNCIA ACADÊMICA, FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA, DESENVOLVIMENTO HUMANO: CONTRIBUIÇÕES DE VIGOTSKI AO ENSINO SUPERIOR. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e248475, 2023.

GOMES, C.; REY, F. L. G. Inclusão escolar: representações compartilhadas de profissionais da educação acerca da inclusão escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 3, p. 406-417, 2007.

GONZÁLEZ REY, F. L. El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotski. **Educación & Sociedad**, v. 21, p. 132-148, 2000.

GONZÁLEZ REY, F. Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. **Diversitas: Perspectivas em Psicologia**, v. 4, n. 2, p. 225-243, 2008.

GUERONI, L. P. G. et al. Interventions for Strengthening General Self-Efficacy Beliefs in College Students: An Integrative Review. **Rev Bras Enferm.**, v. 77, n. 1, 2024.

HAUGSBARK, G. Edição especial: 30 anos de TIC e aprendizagem na educação – grandes mudanças e desafios. **Seminar.net, Noruega**, v. 16, n. 2, ed. 2, 16 fev. 2020.

KRAMER, G. G.; FARIA, J. H. Vínculos organizacionais. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 1, p. 83-104, 2007.

LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: **Educación & Realidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, v. 29, n. 1, p. 27-44, 2004.

LIMA, V. et al. Saúde Mental no Ensino Superior: Revisão de Literatura. **Interação em Psicologia**, v. 26, n. 3, 2023.

LOK, B.-L.; CHENG, M. Y.; CHOONG, C.-K. A relação entre o treinamento de habilidades soft e desenvolvimento, resultado de recursos humanos e desempenho firme. **Revista Internacional de Negócios e Sociedade**, Malásia, 30 dez. 2020.

NASCIMENTO, A. C. P. L.; FERRAZ, R. de C. S. Nascimento. Transtorno de personalidade borderline: narrativa de uma vivência acadêmica no ensino superior. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade-REED**, v. 2, n. 5, p. 1-15, 2021.

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia Em Estudo**, v. 16, n. 4, p. 647–657, 2011.

MALEQUETA, A. F. et al. Análise da satisfação acadêmica de estudantes do curso de Educação Física e Desporto do Ensino a Distância da UCM. **Educação à Distância**, v. 7, n. 1, p. 73-92, 2017.

MARTÍN-BARÓ, I. O papel do Psicólogo. **Estudos De Psicologia (natal)**, v. 2, n. 1, p. 7–27, 1997.

MEDEIROS, L. A.; DA ROCHA GONÇALVES, P. Jovens Universitários de Camadas Populares e suas Trajetórias Empreendedoras a partir da Vivência Acadêmica. **Arquivos do CMD**, v. 6, n. 2, p. 66-78, 2018.

MENG, Q.; ZHANG, Q. The influence of academic self-efficacy on university students' academic performance: The mediating effect of academic engagement. **Sustainability**, v. 15, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/su15075767>.

MÉRIDA-LÓPEZ, S.; QUINTANA-ORTS, C.; EXTREMERA, N. Exigencias académicas en estudios de posgrado a distancia y sus vínculos con el agotamiento y la regulación de las emociones propias. **Revista internacional de pedagogía e innovación educativa**, v. 3, n. 1, p. 139-154, 2023.

MOREIRA, M. C. N. Trajectories and moral experiences of rare and chronic illness in biographies: a theoretical essay. *Cien Saude Colet.*, v. 24, n. 10, p. 3651-3661, 2019.

OLIVEIRA, Vinícius Plentz et al. Autoeficácia no ensino superior e satisfação com as experiências acadêmicas: percepções de estudantes de educação física. **Movimento**, v. 26, p. e26087, 2020.

PEREIRA-NETO, Lauro Lopes; FARIA, Ana Amália Gomes Barros Torres; ALMEIDA, Leandro Silva. Adaptação e evidências de validação do Questionário de Satisfação com a Experiência Acadêmica Remota (QSEA-R). **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 2626-2647, 2022.

SAN RODRIGUES, Caio et al. Prática de enfermagem em saúde coletiva: Vivência acadêmica na atenção primária à saúde. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 14, n. 3, p. 213-222, 2023.

ROSO, A.,; ROMANINI, M. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico / Individual empowerment, community empowerment and awareness: a theoretical essay. **Psicologia e Saber Social**, v.3, n.1, 83–95, 2014.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; ZANON, Cristian; ILHA, Vanessa Domingues. Autoeficácia na formação superior: seu papel preditivo na satisfação com a experiência acadêmica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 36, p. e160077, 2019.

SANTOS, M. A. C.; ROMEIRO, V. A satisfação com a experiência acadêmica influencia a relação de confiança comportamental com a instituição?. **Revista Brasileira de Ensino Superior, Passo Fundo**, v.3, n.1, p. 78-97, ago, 2017.

SILVA, G.; NETO, I.; ROCHA, A.; MONTEIRO, L., ; RAUBER, S. Relação entre autoestima e saúde mental de estudantes universitários: estudo transversal. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v.24, n.1, 104–114, 2023.

SOARES, A. P.; VASCONCELOS, R.; ALMEIDA, L. S. Adaptação e satisfação na Universidade: Apresentação e validação do Questionário de Satisfação Acadêmica (QSA), 2002.

SUEHIRO, A. C. B.; ANDRADE, K. S. Satisfação com a experiência acadêmica: um estudo com universitários do primeiro ano. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n. 2, 2018.

TORRACO, R. J. Writing integrative reviews of the literature: Methods and purposes. **International Journal of Adult Vocational Education and Technology (IJAVET)**, v.7, n.3, p. 62-70,2016.

VALDIVIA, A. C. Vínculos en la universidad chilena: voces de docentes y académicos. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 14, n. 29, p. 136-155, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZEVALLOS, A. L.; WASHBURN, M. **Criando uma Cultura de Sucesso do Aluno: O Programa de Mentoria de Pares SEEK Scholars**. Em prática, Nova York: Wiley Online Library, 2014.